BARULHINHO BOM

Mineiro nascido no Vale do Jequitinhonha, Fernando Tião utiliza a habilidade de artesão para ganhar o mundo fabricando o tambor de língua, exportado para os EUA, Europa e Japão

NA RAIZ DA PERCUSSÃO

AILTON MAGIOLI

Uma caixinha de madeira, com uma das superfícies cortada de maneira a formar línguas (teclas) de tamanhos diferentes, está se transformando em nova paixão de músicos. Do baterista Will Calhou, do Living Colour, ao baixista Arismar do Espírito Santos, passando pelos percussionistas Serginho Silva e Ricardo Cheib, ninguém resiste à tentação de tocar o tambor de língua, como é denominado o instrumento de origem africana, cujo toque à mão reproduz sons parecidos com os de moringas, tablas e bongôs.

A instalação de um captador permite a ligação do instrumento a um sistema de amplificação, melhorando sensivelmente o seu desempenho, segundo afirma o luthier Fernando Tião, responsável pela reabilitação do instrumento em momento de sucesso da música percussiva. "A ausência de uma literatura sobre o instrumento faz crer que o tambor de língua tenha surgido antes mesmo dos tambores de pele", desconfia ele, admitindo que o instrumento seja um dos primeiros do gênero, feito a partir de troncos de árvores, cujas fendas (teclas) seriam obra da própria natureza.

SOM TRIBAL Mineiro de Minas Novas, no Vale do Jequitinhonha, foi a partir da experiência no extinto grupo Sagarana que o baterista se enveredou pela luteria, fabricando os instrumentos que hoje, além dos Estados Unidos, já chegaram à Alemanha, Japão, Espanha, França e Suíça. "É uma delícia tocá-lo com a mão, o som fica uma coisa meio tribal", empolga-se o baixista Arismar do Espírito Santo, que, depois de gravar com um instrumento feito pelo luthier em duas faixas do disco *Estação Brasil*, prepara-se para registrar o tema *Tidinho*, de sua autoria, no disco inédito que começa a gravar no mês que vem.

Segundo Fernando Tião, cujo CD *Em tempo*, também inédito, foi todo gravado ao som do instrumento que ele fabrica artesanalmente, a dificuldade maior tem sido encontrar madeira adequada para a fabricação do tambor de língua, que ele faz à base de material reaproveitado, principalmente o ipê, a muira catiara e o cumaru, responsáveis por uma sonoridade melhor do instrumento. "Consigo achar em material de demolição", diz o luthier que, quando morava em São Paulo, achou uma caçamba de assoalho antigo em uma rua.

Normalmente, Fernando Tião faz um tambor de língua em 15 dias. "Tem de secar a madeira, a cola e o captador (microfone de contato)", justifica o luthier, que vende o produto de R$ 180 a R$ 900, dependendo do tamanho. O número de línguas também varia, entre quatro, seis e oito. O maior que ele fez até agora foi para o percussionista Serginho Silva. "É um instrumento que traz vantagens não apenas rítmicas, mas melódicas também", constata Serginho, alertando que, diante do fato de as línguas (teclas) terem notas diferenciadas, ele pode fazer melodias com o tambor. Anteriormente, o percussionista tinha informações do instrumento apenas em publicações sobre instrumentos africanos.

RECURSOS Fernando Tião, que utiliza a marcenaria de amigos para fabricar o instrumento, afirma que a única peça que ele não faz do tambor de língua é o captador, que encomenda a um técnico em eletrônica. Atualmente, o luthier diz estar fazendo um que será afinável. "Quanto maior a língua, mais grave será o som tirado do instrumento; quanto menor, o som será mais agudo", ensina. "Já em termos de espessura, é o inverso: quanto mais fina a espessura da língua, mais grave será o som", revela, acrescentando que a vibração da madeira é responsável pela emissão das notas.

Originalmente, de acordo com o luthier, o tambor de língua era tocado com baquetas, "mas com as mãos ele dá muito mais recursos". Tião ressalta que, dependendo do equipamento em que o instrumento é ligado, é possível extrair um grave mais bonito e, uma vez amplificado, os sons do tambor podem variar desde um esfregar de mãos nas suas laterais até o estalar de um anel no seu tampo.

Depois do sucesso do instrumento que chegou ao baterista do Living Collour, Will Calhou, através do baterista Dudu Portes, editor da revista *Batera*, ele diz que já vendeu tambores de língua para as bateristas Simone Soul e Vera Figueiredo. Paralelamente, o luthier começa a fazer o *cajon*, uma caixa muito utilizada na música espanhola, sobre a qual o percussionista senta para tocar. Os interessados em conhecer o trabalho de Fernando Tião podem acessar o site oficial do luthier, no endereço: www.repercutiao.com.br.

MARIA TEREZA CORREIA

Fernando Tião gravou o disco "Em tempo" apenas com o instrumento que fabrica artesanalmente

STEPHEN HIRD/REUTERS

O roqueiro Bob Geldof participou, sábado passado, do show "Live 8", no Hyde Park, em Londres

BOB GELDOF

Dose dupla em CD e DVD

ARTHUR G. COUTO DUARTE

Apesar de filmado um ano antes do lançamento daquela que viria a ser a canção mais festejada de sua carreira (*I don't like mondays*), o DVD *Live at Hammersmith Odeon 1978* sumariza de forma satisfatória a mescla de punk, new wave e rock'n'roll à la Stones que deu fama aos Boomtown Rats. Formado em Dublin, na Irlanda, por volta de 1975, os Rats – assim batizados a partir de uma frase na autobiografia do cantor folk Woody Guthrie, na qual descrevia os trabalhadores dos poços petrolíferos de Oklahoma – jamais verteram a mesma bile agressiva de contemporâneos como The Clash e Sex Pistols, mas a competência de seus integrantes e a versatilidade multifacetada de sua música fizeram dele um nome relevante na história do rock do Reino Unido.

Sem grandes efeitos especiais, *Live at Hammersmith...* centra-se na performance do grupo ao vivo, privilegiando material extraído dos seus dois primeiros álbuns: *Boomtown Rats* (1977) e *A tonic for the troops* (1978). As guitarras geminadas de Gerry Cott /Garry Roberts e a performance maníaca do baixista Pete Briquette são entretenimento garantido, porém o foco das atenções invariavelmente recai em Bob Geldof. Carismático, dono de uma personalidade magnética e senhor absoluto do palco, Geldof lembra Mick Jagger no vigor da forma física, sem no entanto incorrer no chiste, no apelo caricatural.

Na década seguinte, Geldof ganharia fama mundial. Inicialmente, como mentor do *Live aid*, festival realizado simultaneamente nos EUA e na Inglaterra no intuito de minimizar a fome e a miséria das vítimas da guerra civil da Etiópia. Depois, como protagonista da versão que levou para o cinema o antológico álbum duplo *The wall*, do Pink Floyd. Elevado à condição de *sir* pela rainha Elizabeth, ele continua na ativa até hoje, conforme atestam dois videoclipes de seu mais recente álbum-solo, *Sex, age & death*, inseridos como extras no DVD.

SEX, AGE & DEATH Relançado no Brasil em sincronia com a edição do DVD dos Boomtown Rats, o último álbum individual de Bob Geldof traz o vocalista em uma gravação de cunho mórbido, cujas canções muitas vezes remetem ao trágico triângulo amoroso entre o cantor, a ex-apresentadora da TV britânica Paula Yates (com a qual se casou, em 1986) e Michael Hutchence, vocalista do grupo INXS. De acordo, a maioria das faixas aparece envolta em aclimatações eletrônicas, com impecável produção do também ex-rats Pete Briquette.

A morte de Hutchence (que se enforcou com o próprio cinto, em um quarto de hotel, após uma noitada de bebedeira, motivada por suas constantes brigas com Yates) e a dor-de-cotovelo de Geldof obviamente não figuram de forma explícita nas letras do disco. Mas temas de títulos sugestivos como *Mudslide* ("escorregão na lama"), *Scream in vain* ("grito em vão") e *$6,000,000 loser* ("o perdedor de 6 milhões de libras") dão pistas suficientes do drama pessoal vivenciado pelo artista. Lacerações existenciais em meio a citações de Baudelaire, delírios químicos e imagens fantasmáticas de um bizarro *ménage-a-trois*, barrado nos significantes "sexo, idade e morte".